

## País ganha fôlego e PIB aumenta 1,2%

Desempenho no segundo trimestre, em relação ao primeiro, superou economistas, que em média esperavam alta de 0,9% no período

DOBRO

A combinação da normalização dos serviços mais afetados pela pandemia com a melhora do mercado de trabalho e as medidas do governo para incrementar a renda das famílias impulsionou a economia no segundo trimestre. O Produto Interno Bruto (PIB, a soma de todo o valor gerado no País) cresceu 1,2% sobre os três primeiros meses do ano, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O desempenho superou as estimativas de economistas, de alta de 0,9%, conforme consultas da reportagem, e desencadeou mais uma onda de revisões para cima nas expectativas para o ano.

Em janeiro, a mediana das projeções apontava para uma variação pouco acima de zero. Antes da divulgação, as estimativas já indicavam 2%. Ontem, foram elevadas para 2,7%.

### GASTOS DAS FAMÍLIAS

As famílias, com restrições a frequentar bares, restaurantes e demais serviços que dependem de contato pessoal desde o início de 2020, retomaram esses gas-



Produção de algodão em Cristalina (GO): mesmo com a queda da safra de algumas culturas, guerra da Ucrânia puxou cotações internacionais

WILTON LEMOS/ESTADÃO CONTEÚDO - 4/9/22

responde por cerca de 70% da economia, puxou o crescimento, com avanço de 1,3% sobre o primeiro trimestre. A indústria cresceu 2,2%, com a construção e a geração de eletricidade à frente, enquanto a agropecuária teve ligeira alta, de 0,5%, após a queda do início do ano com a quebra da safra de soja.

### REAÇÃO DO GOVERNO

A alta representa a "consolidação da retomada da atividade econômica, mesmo com os impactos do conflito do Leste Europeu e os efeitos remanescentes da pandemia", de acordo com nota publicada ontem pela Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Economia.

"Na amostra de países do G-20 que já divulgaram seus resultados trimestrais, o Brasil apresentou o segundo melhor resultado na margem para o PIB do segundo trimestre", compara a nota.

## IMPACTO DA REABERTURA

Segundo a pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Sílvia Matos, e coordenadora do Boletim Macro Ibre, economistas já esperavam que o fim da pandemia pudesse provocar um "miniboom" no consumo de serviços, pois as famílias, especialmente as de maior renda, seriam liberadas para gastar parte relevante de seus rendimentos em serviços, como sempre costumavam fazer. O movimento era esperado para o fim de 2021, mas ficou para o primeiro semestre deste ano.

"Nesse (segundo) trimestre parece ter sido isso. As pessoas foram para festas, casamentos. Acumulou tudo", disse Sílvia. A melhora do mercado de trabalho está ligada à normalização, pois houve uma recomposição das vagas perdidas nas atividades que dependem do contato social, que são destaque entre os maiores empregadores do País. Com a geração de empregos, a renda familiar cresce, mesmo que os salários de cada membro da família sejam menores do que antes, lembrou Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria,

um outro fator a impulsionar o consumo foi a liberação de recursos extras pelo Governo, como a elevação do Auxílio Brasil, programa que substituiu o Bolsa Família, para R\$ 400 ao mês - o aumento mais recente, para R\$ 600, não teve efeito no segundo trimestre -, a antecipação do pagamento do 13º salário de aposentados e pensionistas e a liberação de saques do FGTS. Somente esses resgates adicionarão 0,2 ponto percentual ao crescimento do PIB de 2022, calculou Alessandra Ribeiro.

tos com força. "As pessoas ficaram dois anos sem viajar", disse a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

A elevação dos gastos com esses serviços impulsionou o consumo das famílias, que avançou 2,6% no trimestre. As atividades exportadoras tiveram desempenho negativo, mas a demanda doméstica garantiu o crescimento, em parte, porque os investimentos cresceram 4,8%, com destaque para a construção e a tecnologia da informação. O setor de serviços, que

### 'FREIODEMÃO'

O ministro da Economia, Paulo Guedes, estimou que, se não fosse pela taxa básica de juro (Selic) elevada, como forma de combate à inflação, o crescimento do PIB já poderia ser de ao menos 3,5% no primeiro semestre.

"Neste ano, estamos com o freio de mão puxado, que é o Banco Central combatendo a inflação", disse Guedes. "O Brasil estaria crescendo 3,5%, de repente 4%, se não fossem os juros", completou. (Estadão Conteúdo)